

# ESCLARECENDO

Não nos move contra o Sr. António Sérgio nenhuma espécie de animosidade. A despeito do que possa pensar-se depois de um caso que muito deu que falar e que alguns aproveitaram hábilmente contra nós, admiramos a obra do Sr. António Sérgio, em que se contam alguns trabalhos de grande valor, e sabemos respeitar o seu nome honestíssimo.

Mas nós impuzemo-nos a missão de criticar sistematicamente todas as ideologias que nos pareçam criticáveis. Assim, ainda no último número, pela pena de um dos nossos colaboradores, criticamos duramente a concepção de cultura do Sr. João Gaspar Simões. Hoje analisamos a solução cooperatista-tecnocrática do Sr. António Sérgio. É possível que amanhã caiba a vez ao purismo estético do Sr. José Régio ou ao psicologismo do Sr. José Baelear.

Escusado é dizer que nas nossas críticas as pessoas apenas nos interessam na medida em que explicam as ideias que defendem e na medida em que, pela sua categoria intelectual, nos dão o direito e impõem o dever de lhes não perdoarmos erros elementares, provas de ignorância ou manifestações de fatuidade.

Escreveu-nos um leitor protestando contra a passagem do nosso editorial «Rota do progresso», inserido no n.º 35, em que nos referíamos ao Sr. António Sérgio classificando de utópica «a sua maneira vaga e imprecisa de pôr a técnica ao serviço de todos os homens». Por seu lado, o Sr. António Sérgio num artigo publicado no n.º 241 de *O Diabo* declara, lacnicamente, aceitar que o capitulem de idealista, mas não de utópico. Por tudo isto, parece-nos oportuno esclarecer a referência feita no nosso editorial.

«Quanto a nós,—escrevemos aí—cooperativismo e fé abstracta na técnica não podem conduzir, na prática, a uma atitude eficaz. A solução do Sr. António Sérgio não é contraditória em si mesma—o que satisfaz o seu autor; mas está em contradição com as condições históricas, a que se destina—e por isso nos parece a nós ingénua e destinada irremediavelmente ao fracasso. No fundo, o que sempre nos separa do Sr. António Sérgio é o seu idealismo e a nossa suposição, fundada na análise da história, de que só a acção esclarecida, orientada por uma visão dialéctica—de que só a acção adequada, afinal—é verdadeiramente criadora e promove o ultrapassamento das contradições históricas concretas.»

Supúnhamos nós que estas palavras poderiam ser compreendidas por todos aqueles que tivessem lido os vários artigos em que o Sr. António Sérgio tem abordado o problema da técnica e da distribuição da abundância. Verificamos agora que não, o que nos impõe o dever de as explicar.

O problema da passagem à «Era da Distribuição da Abundância», que implica neces-

sariamente a abolição do lucro, põe a quem se propuser considerá-lo duas questões essenciais inteiramente distintas: consiste a primeira em saber se a abundância é tecnicamente possível; resume-se a segunda em averiguar como pode ela tornar-se socialmente realizável. É evidente que as duas questões se distinguem com nitidez uma da outra: uma coisa é saber se, por exemplo, como concluiu Stuart Chase num livro publicado em 1929, a potência mecânica do mundo inteiro equivale ou não à potência muscular de 9 biliões de homens suplementares (ou seja: de 5 escravos por cada homem, mulher ou criança sobre a terra); outra coisa é determinar qual o caminho que deve seguir-se no terreno político para instaurar «a felicidade pela técnica». Pode conceber-se que se considere o estágio de desenvolvimento da técnica apto para proporcionar a todos a abundância e que, ao mesmo tempo, se preconize como instrumento político de aproveitamento justo da técnica um regime social utópico ou de qualquer modo não recomendável.

Quanto à primeira questão, não há dúvida nenhuma de que estamos de acordo com o Sr. António Sérgio: consideramos possível realizar a abundância para todos, onde houver uma técnica desenvolvida. («Onde houver uma técnica desenvolvida»—escrevemos; e esta restrição mostra logo que temos o hábito de encarar os problemas em concreto e não abstractamente).

Estamos, portanto, de acordo com o Sr. António Sérgio, quanto à primeira questão, como se conclui de modo ineludível da leitura de vários artigos publicados na nossa revista sobre a técnica e as

suas possibilidades e como se conclui também, a contrario, de não termos marcado a nossa discordância do Sr. António Sérgio neste ponto. Porque—é necessário não o perder de vista—nós apenas nos referimos à maneira vaga e imprecisa de o Sr. António Sérgio pôr a técnica ao serviço de todos os homens, que re dizer, unicamente nos pronunciámos sobre a questão do caminho a seguir para instaurar o regime económico da distribuição da abundância.

Vem, todavia, a propósito dizer que se nos não distanciamos do Sr. António Sérgio quanto ao reconhecimento e justa apreciação das possibilidades da técnica, isso não significa que o acompanhamos no que chamámos a sua «fé abstracta» nela.

Quem tiver lido a entrevista que o Sr. António Sérgio deu há cerca de dois anos a *Primeiro de Janeiro* (transcrita na *Seara Nova*, n.º 500-3) e quem tiver lido os seus artigos posteriores, facilmente se apercebe do que queríamos dizer ao falarmos em «fé abstracta na técnica». Quando se refere à técnica, ao seu desenvolvimento e às suas possibilidades, sempre o Sr. António Sérgio o faz abstractamente e usando expressões de sentido vago. Não se refere à técnica nos diferentes países em concreto, nem à técnica concretamente considerada nos vários ramos da actividade humana.

Dissemos no nosso editorial que «cooperativismo e fé abstracta na técnica não podem conduzir na prática a uma atitude eficaz». E acrescentámos: «a solução do Sr. António Sérgio não é contraditória em si mesma—o que satisfaz o seu autor». Cabe agora explicar o que com isto queríamos dizer.

O regime da abundância, como pode ver-se nos artigos do Sr. António Sérgio, exige a abolição do lucro. Ora, como é sabido, o cooperativismo, pela eliminação do intermediário em graus sucessivos, tem como princípio e fim a abolição do lucro. Partindo destas bases, o Sr. António Sérgio foi conduzido ao que alguém chamou «uma inteligente relação» entre o cooperativismo e a realização da abundância pela técnica.

O Sr. António Sérgio é um idealista. Ora, para o idealismo, a única realidade são as ideias. E, porque para o idealismo a única realidade são as ideias, não pode o idealista conceber contradições entre a realidade material e as ideias, mas tão só entre ideias. Sendo

assim, já se compreende porque dissemos não ser a solução do Sr. António Sérgio contraditória em si mesma e por isso satisfazer o seu autor. É que salta à vista que a ideia de cooperativismo e a de abundância pela técnica não são contraditórias: entre si, não se repelem reciprocamente, antes se combinam e se completam.

Mas nós acrescentámos que a solução do Sr. António Sérgio «está em contradição com as condições históricas a que se destina—e por isso nos parece a nós ingénua e destinada irremediavelmente ao fracasso». Como somos materialistas e admitimos, portanto, que possa haver contradição entre as ideias e a realidade, isto é, que possa haver ideias que a acção humana, a *praxis* mostre serem erradas, afirmámos que a solução do Sr. António Sérgio não pode conduzir, na prática, a uma atitude eficaz.

Será então o Sr. António Sérgio um iludido ou um ingénua? Supomos que ambas as coisas: um iludido, emquanto não vê que o idealismo é um processo de falsificação dos problemas humanos; um ingénua, emquanto acredita credulamente nas soluções puramente teóricas dos problemas concretos.

Por isso escreve: «Sonho, às vezes, que quisera poder suplicar a todos os homens—a todos os homens um a um, pondo-me de joelhos se necessário fôsse, e com palavras mais convincentes e as mais humildes,—suplicar-lhes que pensassem em tal fenómeno [a actual produção da abundância] e nas esperanças infinitas que nos ele permite» (*Seara Nova*, n.os 500-3 e 604).

Outras vezes pergunta: «Porque se não inicia esse novo regime, o Regime Económico da distribuição da abundância?» (*Seara Nova*, n.º 604).

E acontece-lhe escrever: «Quando os Estados inaugurarem a distribuição da abundância...» (lugar citado; o sublinhado é nosso).

Mas, as manifestações de ingenuidade do Sr. António Sérgio vão mais longe, quando nos declara convicto coisas como esta: «Este século, se não estamos em erro, merecerá ser chamado o da Revolução da Abundância. Revolução em que, sem abaixar o nível da classe média, mas elevando-o mais—subirá até ele o dos trabalhadores, o dos actuais proletários, e as distinções de classe serão aboli-

(Continua na página quinze)